

## TRABALHO E INSERÇÃO SOCIAL: IDENTIDADE E ETNICIDADE NAS FRENTES DE TRABALHO DA HORTELÃ NA MICRORREGIÃO DE TOLEDO, PARANÁ

Francisco André Pedersen Voll  
Ernelo Schallenger

**Resumo:** A partir da década de 1950, a microrregião de Toledo, Paraná foi ocupada por frentes populacionais originárias de várias partes do país, sendo que uma das maiores foi a de trabalhadores vindos de estados ao norte do Paraná. Estas pessoas trabalharam nas lavouras de hortelã durante um período em que os derivados desta planta, sobretudo o mentol, alcançaram um preço elevado no mercado internacional. Os “sujeitos da hortelã” tiveram de se inserir em um espaço já ocupado por outros grupos, fossem colonos vindos do sul do país ou do Estado de São Paulo, e tiveram de encontrar e construir o seu espaço. Apesar de estranhamentos relacionados aos diferentes modos de vida, os sujeitos da hortelã conseguiram os seus espaços de sociabilidade dentro desta região enquanto estiveram inseridos pelo viés socioprodutivo.

**Palavras-chave:** Relações de trabalho, inserção socioprodutiva, memória, hortelaneiros.

### Trabajo e inserción social: identidad y etnicidad en los frentes de trabajo de la menta en la microrregión de Toledo, Paraná

**Resumen:** A partir de la década de 1950, la microrregión de Toledo, Paraná fue ocupada por frentes poblacionales originarios de varias partes del país, siendo que una de las mayores fue la de trabajadores venidos de estados al norte de Paraná. Estas personas trabajaron en los cultivos de menta durante un período en que los derivados de esta planta, sobre todo el mentol, alcanzaron un precio elevado en el mercado internacional. Los "sujetos de la menta" tuvieron que insertarse en un espacio ya ocupado por otros grupos, fueran colonos venidos del sur del país o del Estado de São Paulo, y tuvieron que encontrar y construir su espacio. A pesar de extrañamientos relacionados a los diferentes modos de vida, los sujetos de la menta alcanzaron sus espacios de sociabilidad dentro de esta región mientras estuvieron insertados por el sesgo socioprodutivo.

**Palabras clave:** Relaciones de trabajo, inserción socioprodutiva, memoria, hortelanos.

### Work and social insertion: identity and ethnicity in the work groups of mint in the microregion of Toledo, Paraná

**Abstract:** From the 1950s, the microregion of Toledo, Paraná was occupied by population groups originating in several parts of the country, and one of the largest was of workers from states north of Paraná. These people worked on the mint crops during a period in which the derivatives of this plant, especially menthol, reached a high price in the international market. The "mint subjects" had to be inserted in a space already occupied by other groups, whether settlers from the south of the country or the State of São Paulo, and had to find and build their space. Despite the discomforts related to the different ways of life, the mint subjects achieved their spaces of sociability within this region while they were inserted by the socio-productive bias.

**Key words:** Work relations, socio-productive insertion, memory, mint workers.

### Introdução

Na busca de entender a inserção socioprodutiva<sup>1</sup> dos sujeitos da hortelã na microrregião de Toledo, este artigo busca entender as questões de identidade étnica, analisando se os sujeitos que fizeram parte das frentes de trabalho da hortelã consistiram em um grupo étnico distinto dos outros estabelecidos nesta microrregião<sup>2</sup>.

Um grupo étnico pode ser distinguido de outros? Grupos sociais podem ser distinguidos a partir de elementos culturais, razões e dinâmicas sociais possíveis de serem constatadas

<sup>1</sup> Por inserção socioprodutiva entende-se a inserção de sujeitos históricos em determinado contexto a partir de alguma atividade produtiva.

<sup>2</sup> Artigo tem como referência básica a pesquisa realizada para a dissertação de mestrado “Memória e trabalho: a inserção socioprodutiva do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo”, defendida em 2015.

historicamente, constituindo-se referência para a definição da sua identidade (NETO, 1997). Não se pode entender de maneira ampla um processo econômico, social e cultural, sem tentar entender quem foram os sujeitos que dele participaram.

Salienta-se que identidade não é um tema vago e subjetivo, mas sim um conceito fundamental para auxiliar no entendimento das relações estabelecidas dentro de um contexto social. Conforme Roberto Cardoso Oliveira (2000), as questões associadas a processos identitários possuem a mesma espessura empírica que outros fenômenos, que são mais comumente estudados pelas ciências sociais.

Entender a identidade dos sujeitos não é possível sem entender a sociedade na qual eles se inseriram. Para Norbert Elias (1994), a sociedade é um elo, uma corrente que liga todos os indivíduos e suas ações, sendo que a relação entre os indivíduos e a sociedade em que vivem é singular, mas para entendê-la é preciso compreender a estrutura como um todo para assim compreender as partes individuais.

É preciso um olhar atento para formação da sociedade da microrregião de Toledo. As diferenças étnicas existentes neste espaço regional, constituídas a partir das frentes de migração dos sulistas, que majoritariamente se dirigiram para Toledo, e os paulistas, que se estabeleceram em Assis Chateaubriand, requerem que se atente para a inserção de outro grupo social, formado pelos sujeitos que compuseram a força de trabalho para o cultivo da hortelã.

### **A ocupação da microrregião de Toledo e a questão da identidade e etnia**

A diversidade étnica está presente desde os primórdios da colonização do Oeste do Paraná. Segundo Valdir Gregory (2002), a partir da década de 1940, o Oeste do Paraná recebeu fluxos populacionais em busca de novos espaços agrícolas ou oportunidades de trabalho, provenientes principalmente do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e de outras regiões do Paraná. Na atividade hortelaneira, a participação de sujeitos vindos de estados ao sul do Paraná foi claramente minoritária em relação aos trabalhadores vindos do norte deste Estado<sup>3</sup>.

Os distintos lugares de origem dos migrantes influenciam, em base ao entendimento de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), os referentes identitários dos grupos que se estabeleceram na região; apesar da ampla maioria de pessoas desses grupos partilham a mesma nacionalidade e língua, existem elementos identitários, como os costumes, hábitos e tradições, que permitem estabelecer distinções.

É importante ressaltar que diferenças do caráter identitário em determinada sociedade não devem ser necessariamente classificadas como causas de um conflito étnico. Oliveira (2000) demonstra os elementos que constituem diferenças significativas de caráter étnico, analisando o processo de etnização das identidades nacionais, pelo qual imigrantes que residem dentro de sociedades anfitriãs, vivem na situação de minorias étnicas. O autor usa como uma de suas referências o caso dos migrantes latinos que lutam por sua identidade e por seu espaço dentro da nova sociedade, cujo grupo dominante é a sociedade local dos EUA. No caso citado pelo autor,

---

<sup>3</sup> O produtor João Agenor Santana (fontes orais ao final do artigo), por exemplo, arrendou terras e pagava pelo uso do alambique de Afílio Donato Dalla Costa, este nascido no Rio Grande do Sul. Jorge Alves de Macedo relatou que conhecia apenas uma família de sulistas que trabalharam com hortelã.

realmente se pode afirmar que existem diferenças étnicas relevantes, como a língua, nacionalidade e costumes, o que dá para a questão identitária um peso significativo na disputa por espaços dentro daquele território.

No Paraná já se presenciaram questões em que a diferença étnica se evidenciou como fator de disputa pelo espaço. Conforme Ruy Christovam Wachowicz (2010), na década de 1930 a Companhia de Terras Norte do Paraná fez uma tentativa transferir para o Estado cerca de cem mil curdos, um povo caracterizado como beduíno e belicoso que habitava o Iraque. Esta transferência buscava diminuir a tensão no Iraque, país no qual a Inglaterra tinha interesses econômicos, sobretudo pelo petróleo encontrado no norte daquele país. Conforme o autor, esta tentativa de transferência levou a uma resistência dos grupos já instalados no Paraná, da qual resultou uma pressão muito grande sobre o Governo Brasileiro e a Companhia de Terras Norte do Paraná. Em virtude dessa pressão a Companhia colonizadora acabou recuando da sua proposta de transferência. A resistência em relação aos curdos foi motivada pela marcante diferença étnica e também religiosa, entre os que já residiam no Paraná em relação aos que poderiam vir a residir.

Esta situação de resistência étnica e identitária não parece ter sido um marco sociocultural capaz de caracterizar uma diferença significativa entre “nós” e “eles” no período do cultivo da hortelã na microrregião de Toledo. Por se tratar de um grande número de indivíduos que se estabeleceram nesta microrregião, oriundos de diferentes lugares, há de se entender que o grupo social de plantadores de hortelã não pode ser considerado homogêneo. Entre eles havia hábitos, costumes e práticas sociais com suas especificidades, embora sua inserção socioproductiva os aproximasse da mesma atividade.

### **A inserção do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo**

Conforme afirma Fredrik Barth (2011), um traço fundamental de qualquer grupo étnico é se identificar, e também ser identificado pelos outros, enquanto pertencente a uma categoria diferente. Ainda segundo o autor, alguns traços culturais podem ser usados como sinais de diferença ou serem ignorados, assim como diferenças mais radicais podem ser negadas. Entre estas diferenças étnicas estão os traços que as pessoas usam para demonstrar a sua identidade, dentre os quais a língua, a moradia, o vestuário e o estilo de vida.

Gilson Backes (2009) e Marcelo Rogério Zanatta (2000) observam que a relação entre os sujeitos da hortelã e outros grupos locais, como os sulistas que foram majoritários em alguns municípios colonizados pela Maripá4, não foi de todo. Os autores observaram que os colonos vindos da frente de colonização do sul identificavam os sujeitos da hortelã com certa distinção e estranheza.

Durante a atividade hortelaneira no município de Mercedes, Paraná, Backes (2009) verificou estranhamentos entre as frentes de trabalho da hortelã, vindos majoritariamente de estados ao norte do Paraná, com as pessoas que já eram residentes neste município, vindos em sua maioria de estados do sul. Zanatta (2000) por sua vez fala em conflitos entre estes grupos no município de Entre Rios do Oeste, já que, segundo este autor, os costumes diferentes fizeram com que “sulistas” e “nortistas” chegassem a não se entender em eventos sociais daquele município, o que também gerava uma imagem depreciativa dos hortelaneiros pelos colonos sulistas.

É possível que a diferença de identidade entre estes grupos fosse o fator responsável por estes estranhamentos ou conflitos, ou mesmo estes atritos seriam generalizados na microrregião de Toledo? É preciso lembrar que o processo de colonização do Oeste do Paraná ficou marcado por conflitos, não necessariamente no campo étnico, mas sim baseados nos interesses econômicos. Segundo Leandro Araújo Crestani (2013) a “indústria da posse da terra” foi responsável por violência e injustiça social no campo, já que o mercado de terras no Oeste do Paraná foi marcado pela apropriação de terra, grilagem, corrupção administrativa, falta de controle e registro por parte do Estado e morosidade da justiça<sup>5</sup>.

As pesquisas de Backes (2009) e Zanatta (2000) foram feitas em municípios na área de influência da Colonizadora Maripá, notadamente marcada pela colonização sulista. Porém a presente pesquisa analisa também municípios cuja colonização foi marcada por frentes migratórias de paulistas e mineiros, como a que foi dirigida por companhias, a exemplo da Colonizadora Norte do Paraná. Neste caso, é necessário um olhar mais aprofundado sobre as diferenças étnicas entre os colonizadores e as frentes de trabalho formadas pelos trabalhadores da hortelã.

Em Assis Chateaubriand, o cultivo comercial de hortelã foi iniciado em meados da década de 1960 por paulistas, a maioria descendente de japoneses, a exemplo do senhor Toshio Gondo<sup>6</sup>. Vindos para uma nova frente de colonização, estes colonizadores se dedicaram à produção da subsistência e a produtos de valor comercial como o café, o milho e também a criação de suínos; atividades das quais já acumulavam experiência a partir do seu espaço de origem. A hortelã não era uma cultura tradicional e representou uma novidade para a maioria dos trabalhadores que se dedicaram às diferentes etapas da sua cadeia produtiva. A principal mão de obra nestas lavouras foi formada por sujeitos oriundos das lavouras de café, em decadência.

Nas palavras de Ferdinando Ferneda Netto<sup>7</sup>, as pessoas que se dirigiram em massa ao município de Assis Chateaubriand, durante o auge da passagem de hortelã, eram logo empregadas como mão de obra nas propriedades locais: “Eles chegavam à cidade e saíam em busca, os agricultores estavam interessados e já levavam, às vezes não chegavam a ficar um dia na cidade. Era um pessoal que chegava com muita disposição”. Nota-se na fala uma visão positiva sobre estes outros sujeitos que estavam se inserindo naquela sociedade em formação, ressaltando a sua disposição para o trabalho. Observa-se também na fala uma tipificação deste sujeito da hortelã, como aquele que chegava diariamente no município em busca de trabalho nas lavouras.

Não é uma hipótese absurda a de que em municípios como Assis Chateaubriand, que foram colonizados inicialmente por uma frente de colonização paulista, os estranhamentos ocorridos entre as frentes de trabalho da hortelã e os outros grupos locais possam ter sido menores do que o que foi apresentado em municípios colonizados majoritariamente por uma frente vinda de estados ao sul do Paraná.

<sup>5</sup> Existem muitos exemplos sobre a violência praticada na disputa de terras no Oeste do Paraná. Márcia Cristina Rodrigues da Silva (2011) verificou que em Nova Aurora (PR) nos meados da década de 1950, uma família que cultivava hortelã teve sua terra, plantação e alambique saqueados pela ação truculenta da Colonizadora União D'Oeste LTDA.

<sup>6</sup> Ver fontes orais.

<sup>7</sup> Ver fontes orais.

Hábitos e costumes se traduziam em práticas sociais que marcaram certo estilo de vida que gerava estranhamento entre os grupos estabelecidos e as frentes de trabalho em busca de oportunidades. As formas de inserção nos espaços públicos partilhados, como em festas, bailes e bares, eram vistas com certa reserva, tendo em vista os elos societários convencionais estabelecidos. O mesmo pode ser referido ao campo religioso, onde a tradição conservadora do catolicismo e do luteranismo não dava margem a outras manifestações e práticas que pudessem afrontar os padrões éticos e morais dela derivados.

O catolicismo foi predominante em municípios como Assis Chateaubriand e dividiu espaço com o luteranismo em Toledo e Marechal Cândido Rondon, o que, entretanto, não revelou que nestes municípios existissem indícios que pertencer à religião católica tenha sido motivo de conflito com a vertente luterana.

A língua portuguesa também constitui um elemento étnico e cultural extremamente significativo. A linguagem entendida como um vetor de comunicação da cultura e de interação social representava uma fronteira cultural na acepção de Barth (2011), que, de uma ou outra forma, inibia uma maior interação entre os diferentes grupos, a exemplo dos descendentes de alemães e de italianos e desses com os luso-brasileiros. As diferenças étnicas, entretanto, não promoveram situações que podem ser caracterizadas como conflitos e, sim, apenas evidenciaram estranhamentos.

### **A distância entre os grupos sociais**

Conforme observa Pierre Bourdieu (1998), para existir socialmente é necessário também ser percebido enquanto distinto. Backes (2009) encontrou em Mercedes narrativas de colonizadores sulistas que viam nos trabalhadores da hortelã pessoas isoladas ou separadas em relação a outros grupos locais. Algumas destas narrativas colhidas pelo autor enfatizavam que estes sujeitos preferiam o convívio com os seus iguais. Partindo destes levantamentos feitos por Backes (2009), a questão que fica é: até que ponto esta diferença e isolamento social foram sentidos pelos trabalhadores da hortelã? É preciso verificar também o olhar que estes sujeitos tinham sobre as suas próprias práticas; como estes se identificam, na perspectiva já referida por Barth (2011), que enfatiza que um grupo étnico também deve se reconhecer enquanto tal.

O isolamento dos trabalhadores da hortelã, referido pela literatura analisada, não pode ser observado somente a partir do seu trabalho nas lavouras. Eles buscavam formas de sociabilidade em ambientes urbanos e/ou públicos, mesmo que vistos como estranhos a estes espaços já apropriados.

Backes (2009) constatou que o hábito dos trabalhadores de hortelã, no município de Mercedes, de ir à cidade e gastar uma quantidade significativa de dinheiro nos bares ficou como uma imagem marcada na memória de alguns moradores de origem sulista. Outro aspecto observado pelo autor trata da imagem criada acerca destes sujeitos, que reflete o seu isolamento em relação aos setores sociais hegemônicos, atribuindo-lhes um lugar marginal em relação a outra parte da sociedade da época. Eram distintos em relação ao local de moradia, que, em geral, se situava nas vilas próximas ou nos casebres construídos nas proximidades dos alambiques. Os padrões societários rurais, à época, estavam representados por famílias solidamente estabelecidas na

propriedade, considerada como espaço apropriado para a preservação e recriação cultural. A distinção entre os residentes em suas propriedades e os que nelas se fixavam temporariamente ou a elas acorriam para as jornadas de trabalho esteve fundada, sobretudo, na dependência, pela qual, de um lado, se apresentava o patrão provedor e, de outro, os trabalhadores enquanto força de trabalho, responsáveis pelo desenvolvimento das lavouras de hortelã e pela manutenção do status social dos patrões enquanto proprietários.

A mobilidade social que as circunstâncias do trabalho impunham a estes trabalhadores, com deslocamentos limitados pela inexistência de meios de transporte adequados, e a sazonalidade da ocupação produtiva fizeram com que eles tivessem que se sujeitar às condições de trabalho e normas de conduta que lhes eram impostas. Dependentes e sem poder de compra, os víveres eram adquiridos, em muitas circunstâncias, pelos patrões e descontados dos ganhos do seu trabalho, o que pode ser qualificado como escravidão por dívida<sup>8</sup>.

Fora deste ambiente de trabalho, quando reunidos em grupo, em ambientes nem sempre apropriados para estabelecer laços de sociabilização, expressavam elementos e práticas culturais que marcaram um estilo de vida que se diferenciava dos colonos estabelecidos, o que, na perspectiva de Norbert Elias (1994), os caracterizava com os *outsiders*. Os produtores de hortelã tiveram o seu lar e a comunidade na qual estavam inseridos como o lugar da cultura. Poucas vezes se afastavam destes lugares. A distância entre a cidade e as lavouras, acentuada pelas condições da época, como a limitação de acesso aos meios de transporte e a logística para a comercialização da produção, dispensavam a ida do produtor de hortelã para na cidade, uma vez que os compradores se dirigiam até a propriedade rural para adquirir o óleo a preço tabelado.

Destarte, a criação de animais e a produção de cereais, que as muitas famílias mantinham para o consumo próprio, diminuíam a dependência do comércio da cidade. A soma destes fatores fez com que ir até a cidade não se tornasse uma necessidade tão recorrente e a construção de um espaço de convivência coletiva lhes permitisse estabelecer relações de uma comunidade de identidade, segundo a acepção de Bauman (2003). Viviam, moravam, se divertiam e existiam nesses locais. A noção de não integração é a repulsa a expulsão. Nesse sentido, a distância provocada ou acentuada pelas condições materiais da época contribuiu para a criação de laços fortes de solidariedade entre os sujeitos que não estavam apenas mais próximos em termos de distância, mas também etnicamente, pois partilhavam origens e trajetórias marcadas por traços de semelhanças.

Os trabalhadores da hortelã, por sua vez, privados do controle de suas representações e de sua identidade coletiva, buscavam nos espaços comunitários formas de interação significativa, por meio da demonstração da cultura, da destreza e do trabalho, para promover a tolerância social e se identificarem enquanto grupo social, manifestando que são partícipes do todo social, apesar da diversidade sociocultural.

Em certas propriedades a vida comunitária ia além do trabalho na lavoura ou no alambique e se estendia a outras atividades, que ocorriam longe de outros grupos locais. Na Figura 1 é possível analisar alguns destes aspectos da vida cotidiana destes trabalhadores. É o caso de uma festa

---

<sup>8</sup> Prática testemunhada por Vitório Boeff, dono de alambique em Quatro Pontes, Paraná.

realizada logo após uma missa na Colônia Santa Quitéria, localizada entre os municípios de Toledo e Santa Helena na década de 1970.

**Figura 1: Música e bebida presentes em uma confraternização entre agricultores**



Fonte: Acervo de Jorge Alves de Macedo<sup>9</sup> (primeiro da direita para a esquerda).

A fotografia, tirada em uma colônia de agricultores, mostra que dentro do espaço rural, cercado pelas lavouras de hortelã, existia mais do que o convívio comunitário do dia a dia no ambiente de trabalho; existiam espaços para eventos sociais, como festas e celebrações religiosas, que eram compartilhadas entre os proprietários de terra e os trabalhadores. Eram locais de confraternização e de demonstração da cultura. Rodas de viola, conto de *causos*, entre outras manifestações, expressavam um modo de ser diferenciado dos demais integrantes das comunidades locais.

Além dos eventos sociais referidos, havia na comunidade outras formas de interação social, a exemplo dos jogos de futebol, promovidos, de modo geral, pela rádio local. O time da localidade, formado pelos trabalhadores da colônia enfrentava geralmente times de bairros da cidade de Toledo, entre eles o do bairro Vila Industrial. Nestas situações os trabalhadores da hortelã passaram a representar as comunidades estabelecidas, sendo reconhecidos por suas habilidades. O time “Grêmio de Santa Quitéria” era formado por trabalhadores da hortelã que residiam na Colônia, dos 12 que participavam do time, dois vieram de Minas Gerais e dois de Sergipe, enquanto oito já eram nascidos no Paraná, sendo que destes, quatro filhos de imigrantes vindos de São Paulo e três de Minas Gerais<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Ver fontes orais.

<sup>10</sup> A identificação da ascendência dos jogadores/produtores se deve à memória de Jorge Alves de Macedo (segundo da esquerda para direita na linha de baixo), que só não conseguiu se lembrar da ascendência de um dos trabalhadores já nascidos no Paraná.

**Figura 2: O time “Grêmio de Santa Quitéria” em meados da década de 1970**



Fonte: Acervo de Jorge Alves de Macedo (segundo da esquerda para a direita na fileira de baixo).

O distanciamento pode ter ficado marcado na memória de alguns, especialmente daqueles que não pertenciam ao grupo dos sujeitos da hortelã. No entanto, este distanciamento não se mostrou tão profundo para ter afetado, de maneira significativa, a vida dos grupos que viviam da atividade hortelaneira. Os traços identitários reforçavam a distinção entre os grupos locais, mas não eram fortes o bastante a ponto de, por si só, gerarem conflitos de caráter étnico.

Destarte, conforme Barth (2011), onde os grupos de cultura distinta interagem, pode-se esperar que estas diferenças diminuam, uma vez que a interação simultânea vai criando uma equivalência de códigos e valores, e nesse caso a relação entre os diferentes grupos é mais forte e com componentes mais verdadeiros de compreensão do diferente, do outro.

### **Os que foram e os que ficaram**

Existe uma distinção entre os sujeitos da hortelã que se estabeleceram na microrregião de Toledo após o fim da produção de hortelã e aqueles que, com o fim desta atividade, migraram para outras regiões.

As fontes orais consultadas nesta pesquisa são compostas por sujeitos que se estabeleceram na microrregião de Toledo e ali permaneceram e por aqueles que emigraram da região.

Entre os anos de 1975<sup>11</sup> e 1980, os atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia representavam a nova fronteira agrícola e atraíram grandes fluxos populacionais, incluindo um contingente expressivo de pessoas do Oeste do Paraná (RIPPEL, 2005). Estes destinos não

<sup>11</sup> “Entre os anos de 1977 e 1978 foi realizado um desmembramento de parte do território do Estado de Mato Grosso, formando, a partir disso, o Estado de Mato Grosso do Sul. A denominação Sul de Mato Grosso ou do Antigo Sul de Mato Grosso pode ser utilizada para designar a parte meridional do antigo Estado de Mato Grosso, atualmente Mato Grosso do Sul. Sendo assim, o tratamento de Mato Grosso anterior ao ano de 1978, pode invariavelmente corresponder a espaços que atualmente estão localizados no Mato Grosso do Sul” (HANH; BALLER, p. 86, 2017).

eram escolhidos ao acaso, já que no fim da década de 1970 representavam terras de oportunidades, uma nova fronteira agrícola, da mesma maneira que o Paraná foi anteriormente. Para os que ficaram, restava se adaptar à nova realidade que se apresentava, agora desprovida daquela forma de trabalho que por anos representou a principal fonte de sustento, uma vez que pelas condições de produção na época, a continuidade da hortelã se tornava inviável após um período de três a cinco anos no mesmo solo, ao mesmo tempo em que culturas comerciais, como a soja, chegavam a região, tomando o espaço da hortelã.

As diferenças mais sentidas não vieram, ao que parece, do campo étnico e sim do econômico. Para os que não conseguiram assegurar a sua inserção socioproductiva, os estranhamentos com outros grupos certamente foram agravados em virtude da impossibilidade de produzirem bens de valores que lhes assegurassem as mínimas possibilidades de interação econômico, agravando a sua condição de excluídos da sociedade local.

## Referências

- BACKES, Gilson: *As plantações de hortelã e as dinâmicas socioculturais da fronteira: memórias, trajetórias e estranhamentos em Mercedes (Oeste do Paraná 1960 -2009)*. 155f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2009.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. 2 ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p. 185-227.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por uma segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CRESTANI, Leandro Araújo. *Nas Fronteiras do oeste do Paraná: conflitos agrários e mercado de terras (1843-1960)*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2013.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.
- HAHN, Fábio André; BALLER, Leandro. Um olhar sobre a fronteira: os relatos do sertanista Edmundo Alberto Mercer. *Revista TEL*, v. 8, n. 1, p. 83-102, jan./jun. 2017.
- NETO, Edgard Ferreira. História e etnia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 313-328.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Os (Des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 42, p. 7-21, fev. 2000.
- RIPPEL, Ricardo. *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000*. 250f. Tese. Programa de Doutorado em Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 2 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.
- ZANATTA, Marcelo Rogério. *O cultivo de hortelã em Entre Rios do Oeste na década de 1970*. 23f. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2000.

## Fontes orais

**Ferdinando Ferneda Netto:** nasceu em Ribeirão do Sul/SP. Após uma passagem pela região do café, mudou-se para Assis Chateaubriand, Paraná, em 1963, para derrubar mato e trabalhar com agricultura. Acompanhou as transformações causadas em Assis Chateaubriand pelo cultivo de hortelã, que foi responsável por atrair um grande número de migrantes do norte do país que se dirigiram a este município. Na década de 1970 arrendou 8 hectares para uma família capixaba de plantadores de hortelã e recebia 30% em óleo como forma de pagamento. Com o fim da hortelã na região, os seus arrendatários foram para Rondônia. Atualmente é aposentado, proprietário de Rádio e locador de imóveis.

**João Agenor Santana:** nasceu na Bahia, mas passou a sua infância e juventude em Minas Gerais. Mudou-se para Assis Chateaubriand em 1962, quando junto com seu irmão arrendou um pedaço de terra e trabalhou com café e um pequeno lote já plantado de hortelã, além de trabalhar em outras propriedades. Em 1965 mudou para Toledo e em 1966 começou a trabalhar com hortelã neste município como arrendatário de Atilio Donato Della Costa. Atualmente é pescador e aposentado.

**Jorge Alves de Macedo:** nasceu em Minas Gerais na cidade de São José do Divino, Estado em que trabalhava com café e vaca de leite. Em 1966 mudou-se para Goioerê, Paraná, onde trabalhou como trabalhador diarista nas lavouras de hortelã, que eram propriedade de colonos japoneses. Depois de voltar para Minas Gerais, em 1972 mudou-se para a Colônia Santa Quitéria, que ficava entre Toledo (atual Ouro verde do Oeste) e Santa Helena (atual São José das Palmeiras) local em que trabalhou com hortelã, primeiro como arrendatário e depois como proprietário. Atualmente é aposentado e cria cabeças de gado no seu sítio em São José das Palmeiras, mesmo local onde cultivou hortelã.

**Toshi Gondo:** nasceu em Cafelândia no estado de São Paulo em 1938. Desde jovem trabalhou com agricultura e na década de 1960, junto com o seu irmão Osvaldo Gondo, começou a plantar hortelã e também comprar óleo em Assis Chateaubriand e municípios vizinhos, para a empresa de origem chinesa Yah Sheng Chong. Após a compra levava o óleo até uma fábrica desta empresa em Maringá, onde eram retirados os cristais de mentol. Com o fim da hortelã na região trabalhou com culturas como a soja e o milho. Continua trabalhando com agricultura até hoje.

**Vitório Boeff:** vindo do Rio Grande do Sul, estabeleceu-se em Quatro Pontes, Paraná, onde arrendou terras virgens e instalou um alambique para o processamento da hortelã.

Recebido em: abr. 2017.

Aceito em: jan. 2018.

---

*Francisco André Pedersen Voll:* Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Unioeste, Campus de Toledo. Graduado em História pela Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon. Especialista em História Econômica pela Unioeste, Campus de Toledo. E-mail: franciscovoll@bol.com.br

*Ernelo Schallenberger:* Pós-Doutor em História, Cultura e Poder pela Universidade Federal do Paraná. Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente da Unioeste. E-mail: erneldo@uol.com.br